

O INVENTOR WESSEL EM FOCO

Conrado Wessel criou a primeira fábrica brasileira de papel fotográfico



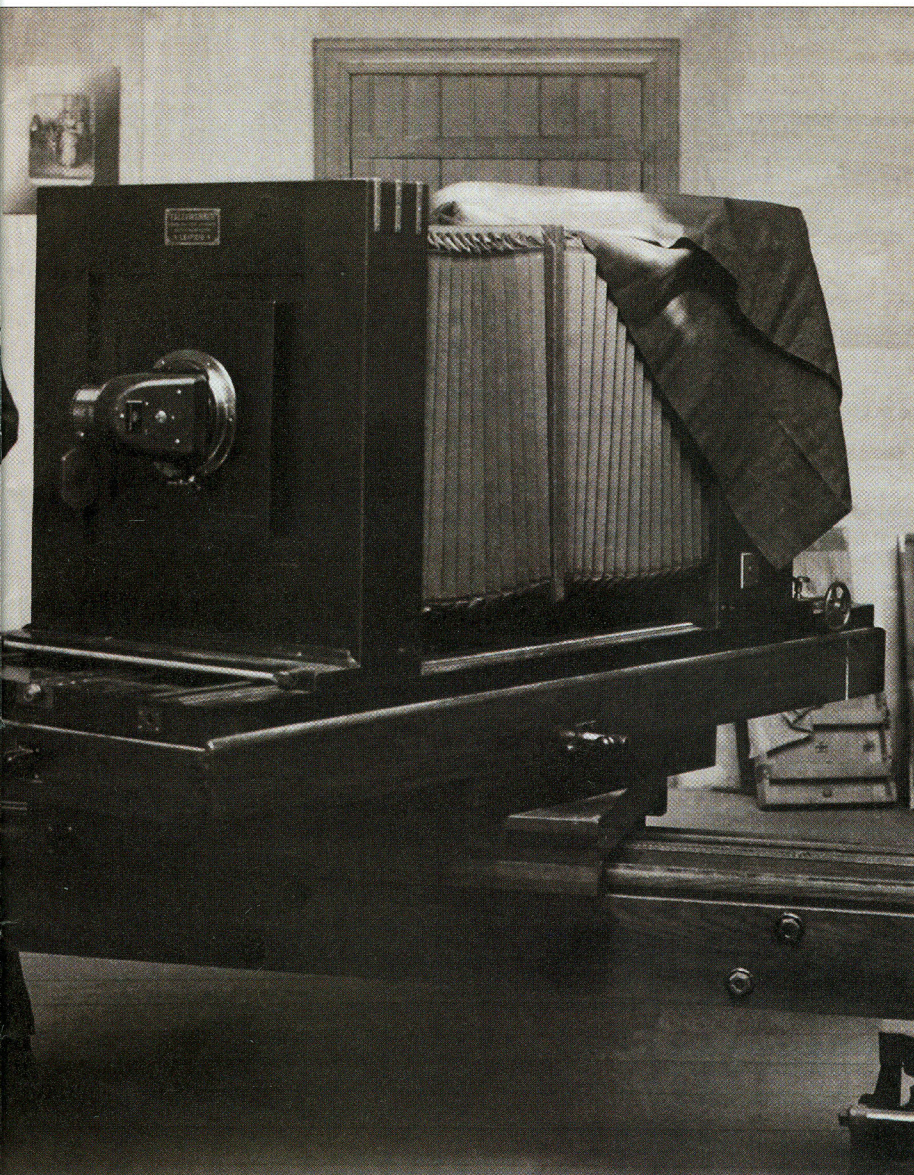
Conrado Wessel era apaixonado pela ciência e pela arte. Inventor nato e empreendedor obstinado, criou a primeira fábrica brasileira de papel fotográfico, em 1921, utilizando tecnologia e patente próprias. Enfrentou sérios concorrentes estrangeiros, mas conquistou o mercado e formou um patrimônio imobiliário que, obedecendo ao desejo expresso em seu testamento, foi utilizado como lastro para criar uma fundação que apoiasse atividades educativas, culturais e científicas de seis entidades

e incentivasse a arte, a ciência e a cultura por meio de prêmios. A fundação foi instituída em 1994, um ano depois da sua morte, aos 102 anos.

Nasceu em Buenos Aires, em 1891, filho de família tradicional de fabricantes de chapéus, em Hamburgo, na Alemanha, que imigrara para a Argentina, em meados do século XIX. No ano seguinte ao seu nascimento, o pai, Guilherme Wessel, migrou para Sorocaba e, posteriormente, para São Paulo, onde se tornou comerciante, além de

professor de Matemática no Seminário Episcopal, no bairro da Luz.

Guilherme era um apaixonado pela fotografia e previa um grande futuro para o setor, inclusive no segmento dos clichês. Conrado Wessel herdou do pai essa paixão. Ainda jovem, ganhou dois prêmios em concursos promovidos pela Secretaria da Agricultura. Paralelamente às aulas, seu pai adquiriu uma loja de material fotográfico onde instalou um ateliê de fotografia e clichéria, na rua Di-



Conrado Wessel com aparelho fotográfico, em foto restaurada: experiências e inovação

reita nº 20. Conrado o auxiliou na gerência da loja.

Entretanto, por interesse do pai e seu foi estudar química em 1911, em Viena, na Áustria. Lá aprendeu fotoquímica na K.K. Lehr und Versuchs Antstalt, renomada escola de fotografia, especializando-se em clichês para jornais e revistas. Voltou ao Brasil dois anos depois. Seu projeto era ambicioso: sonhava com a criação de uma fábrica de papel fotográfico nacional.

Na época, os fotógrafos do Jardim da Luz, um dos princi-

pais locais de lazer da cidade, trabalhavam com uma câmera-laboratório: uma caixa de madeira com uma objetiva sobre um tripé. A câmera era dividida em duas partes. A inferior continha os banhos de revelador e fixador utilizados para o processamento químico de filmes e papéis. O papel utilizado era importado de fabricantes como a Kodak, Agfa e Gevaert.

Continuando suas pesquisas para descobrir uma fórmula inovadora de banho ao papel e gerar um novo papel

fotográfico, querendo mais “desenvolvimento técnico e comercial”, como ele mesmo observou em uma página autobiográfica, tornou-se aluno ouvinte da Escola Politécnica.

“Durante quatro anos fiz de tudo ali”, contou. “Desde a preparação do nitrato de prata até os estudos das diferentes qualidades de gelatinas. Da ação dos halogênios como o bromo, o cloro e o iodo sobre o nitrato de prata. Fiz inúmeras experiências misturando o nitrato de prata ao brometo de potássio, ao cloreto de sódio e ao iodeto de potássio. Cheguei à conclusão de que a mistura de uma pequena dose de iodo ao bromo dava muito melhor resultado, assim como a adição do bromo ao cloro.”

Depois de muitas experiências, Conrado Wessel chegou a uma fórmula satisfatória para o papel, cujas provas, como ele sublinhou, agradaram muito ao seu pai.

A patente de sua invenção, obteve-a em 1921, assinada pelo presidente Epitácio Pessoa. *(Veja cópia do documento na página 8.)*

O próximo desafio era iniciar a produção. Faltavam-lhe máquinas e papel. As máquinas, ele adquiriu “por 8 contos e 500” de um estudante de fotoquímica que, tal como ele, tentara fundar uma fábrica de papel fotográfico. O negócio não tinha dado certo e o equipamento estava disponível. As máquinas foram instaladas num pequeno prédio

de propriedade do pai, na Barra Funda, em 1921. “As fórmulas que eu havia elaborado pareciam boas, mas não poderia assegurar que seriam boas também na fabricação”, ele registrou, preocupado.

O papel necessário para os testes foi mais difícil, já que no Brasil não havia nenhuma fábrica para fornecer o papel baritado. O material tinha que ser comprado na França, fabricado pela Rivers, ou na Alemanha, pela Scholler. Conrado Wessel saiu à cata de um importador. “Enquanto a encomenda não chegava, estudei como pendurar o papel emulsionado para secar no pequeno espaço de que dispunha”, disse.

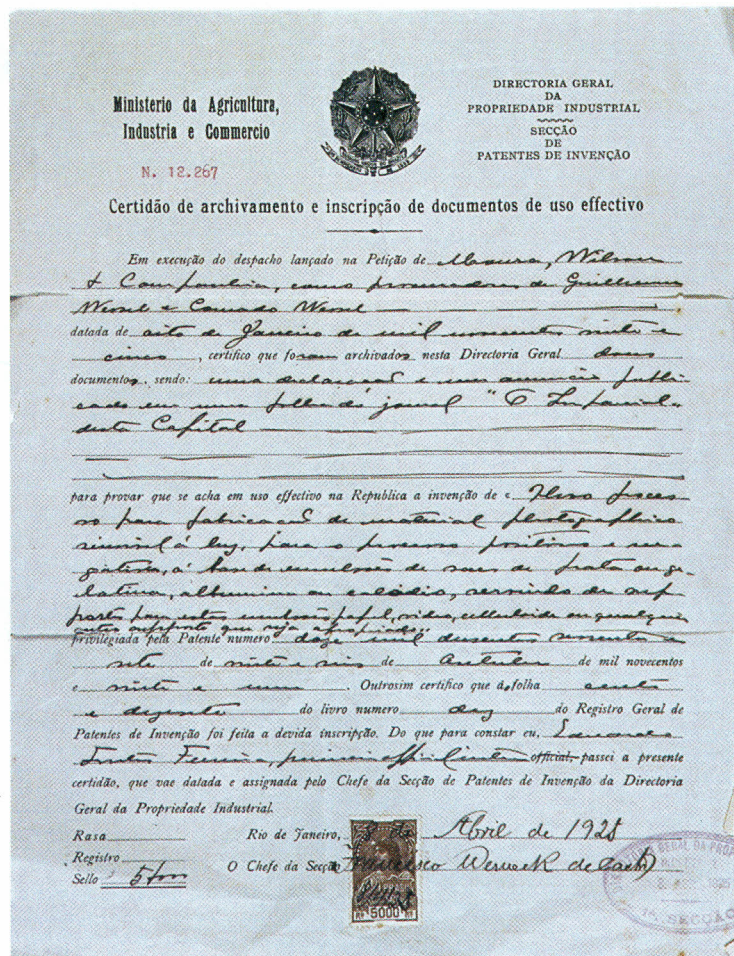
O acaso, ele reconheceu, ajudou-o a encontrar a solução. Conrado Wessel estava na Tapeçaria Schultz, para a qual realizava um serviço de propaganda, quando lhe chamou a atenção o sistema de cortinas que se moviam por cordinhas usadas pelos tapeceiros. Fez um croqui do sistema utilizado na Schultz e imaginou que, empregando método semelhante, poderia secar mais de 100 metros de papel.

O papel chegou e a pequena fábrica iniciou sua produção. “Foi um desastre”, resumiu Conrado Wessel. Não se aproveitaram mais do que 10 centímetros dos 10 metros de papel emulsionados. Nova tentativa, nova frustração. O papel, ele descreveu, estava quase todo “eivado de pequenas bolhas e outras partículas indesejáveis”.

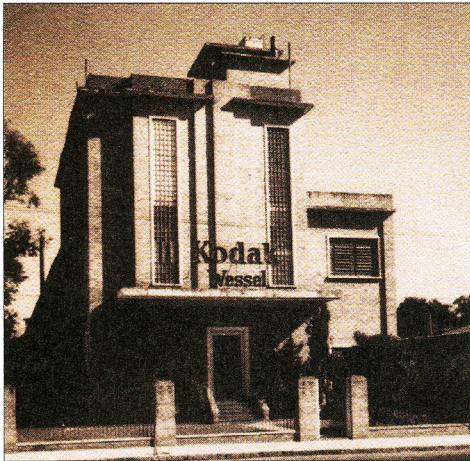
Enquanto “matutava” sobre o problema, mais uma vez o acaso — e o olhar arguto — trouxe a solução. Conrado Wessel foi chamado à fábrica das Linhas Correntes, no Ipiranga, para executar um servi-

ço de clichês. Sozinho no salão de espera, reparou numa pequena máquina utilizada para passar goma no verso das etiquetas. Ele descreveu esse equipamento: “Havia uma cuba e um rolo imerso dentro dela. Com a máquina em movimento, o rolo passava uma certa quantidade da solução, deixando estrias sobre o papel, que também seguia seu curso. Eureka, pensei, meu problema está resolvido”. Mais uma vez fez um croqui e adaptou a máquina de emulsão ao modelo daquela

utilizada para gomar etiquetas. E detalhou os resultados: “A máquina se resumia no seguinte: uma cuba de barro vidrado (naquela época não existia o aço inoxidável) cheia de emulsão e um rolo de ebonite que mergulhava nela. O papel passava entre um outro eixo fixo, regulado como o rolo. Dessa maneira, as bolhas ficavam todas na cuba. Mais tarde esse sistema foi melhorado, com mais de um rolo de ebonite, tornando impossível o surgimento de bolhas sobre o papel. Fizemos



Documento sobre novo processo de produção de papel fotográfico. A patente foi conseguida por Conrado Wessel em 1921



Fábrica de papel fotográfico Kodak-Wessel e placa explicativa. Abaixo, folheto com preços

NOVA LISTA DE PREÇOS
DE TODAS AS MARCAS DOS PAPEIS "WESSEL"
S. Paulo, Setembro de 1933.

PAPEL (GROSSURA SIMPLES)

TAMANHO	DUZIA	GROSA
6 x 9	15000	108000
6 x 11	15300	130000
18 x 12	13500	120000
13 x 18	23700	276000
18 x 24	26500	306000
24 x 30	33000	342000
30 x 40	149500	1062000

CARTÃO (GROSSURA DUPLA)

TAMANHO	DUZIA	GROSA
13 x 18	45000	405000
18 x 24	66000	685000
24 x 30	115000	1200000
30 x 40	218000	2320000

CARTÃO ANTIQUE
Tamanho 13 x 18 - DUZIA 45000 - GROSA 450000
" 18 x 24 " " 82000 " " 820000
" 24 x 30 " " 150000 " " 1500000

CARTÕES POSTAIS
Duzia R\$. 2800 - Em caixas de 100, R\$. 13000 - Em caixas de 140, R\$. 18000
POSTAIS ANTIQUE: Duzia, R\$. 2800 - Em caixas de 100, R\$. 14000

POSTAIS JARDIM EXTRA
Duzia, R\$. 2800 - 140 Fls., R\$. 18000

Rolos de Papel RADIO-BROM rugoso e liso
De 66 x 6 metros, R\$. 33000

PRODUCTOS QUÍMICOS

1 Lata de revelador	R\$. 3840
1 Lata de fixador	2800
1 Nitrito de prata, 25 grs.	4500

FABRICA PRIVILEGIADA DE PAPEIS PHOTOGRAPHICOS
Conrado Wessel
SCRIPTORIO: TEL. 8-308 FABRICA: TEL. 8-747
ALAM. EDUARDO PRADO, 19 RUA LOPES DE OLIVEIRA, 18

HA 12 anos que a Fabrica Wessel vem, num crescente desenvolvimento, favorecendo a classe dos photographos profissionais com papeis de fina qualidade por preços ínfimos.

O factor principal deste formidavel exito, consiste, indubitavelmente, na fabricaço moderna de um papel que satisfaz a todas as exigencias de um photographo que quer conseguir o maior rendimento de seus negativos. Isto consegue-se facilmente com os papeis Wessel, seja em suas tonalidades, superficie e qualidade finissima dos supports, e por um preço deveras sem competencia.

Os papeis Wessel rivalizam na qualidade com as melhores marcas Europeas e Americanas, custando menos da metade.

Siga, pois, o exemplo de seus collegas, usando papeis Wessel e economizará 50% em suas compras de papeis.

CONDIÇÕES DE VENDA
Reveladores passam de um desconto de 10% em facturas até 100000, de 15% em facturas até 1200000 e 20% em facturas superiores a 1200000.

Nesta quadra, sómente posso executar as encomendas que vierem acompanhadas da respectiva importação.

novas experiências com pleno êxito. Vamos fabricar e vender”, comemorou. Nasceu assim a Fábrica Privilegiada de Papéis Photograficos Wessel.

Conrado Wessel não imaginava, no entanto, que teria que enfrentar ainda a resistência dos fotógrafos, seus potenciais clientes. “Eles experimentaram o material, acharam bons os resultados, mas julgaram melhor continuar com o postal da Ridax, da Gevaert, apesar do preço do meu ser bem menor.” Foi nessa época que ele forjou o lema que o

acompanharia por toda a vida: “Insista, não desista”.

Os negócios iam mal até que a sorte — ou talvez a história — reverteu o risco do fracasso. No dia 5 de julho de 1924, Isidoro Dias Lopes deflagrou o movimento conhecido como a Revolução dos Tenentes. São Paulo ficou sitiada, isolada do resto do país. Aos fotógrafos da Luz faltou papel importado. “Numa manhã de um dos primeiros dias de revolução apareceu um deles em minha casa e perguntou se eu tinha postais

para vender”, contou Conrado Wessel. A revolução abriu-lhe o mercado. Ao fim de 29 dias de cerco, os rebeldes se renderam. O fluxo de papel importado foi restabelecido, mas a fábrica de papéis criada por Conrado Wessel já tinha, definitivamente, conquistado a clientela que lhe permaneceu fiel.

Os grandes fabricantes estrangeiros, como a Gevaert, tentaram ainda recuperar o mercado oferecendo produtos mais baratos. Conrado Wessel também baixou os preços. “Por incrível que pareça, estes postais mais baratos não foram aceitos pelos ambulantes. Nem os meus, nem os da Gevaert.” A produção brasileira cresceu, Conrado Wessel comprou um prédio maior e consolidou sua posição no mercado. Não faltaram propostas de empresas estrangeiras interessadas em parceria com a agora próspera fábrica brasileira de papéis, até que Conrado Wessel firmasse um contrato com a Kodak, garantindo para ela praticamente toda a sua produção. Ficou acertado que a empresa norte-americana construiria uma fábrica nova em Santo Amaro, com maquinário moderno e chamada Kodak-Wessel, administrada por Conrado Wessel. Isso ocorreu em 1949 e durou até 1954. A partir dessa data a patente passou definitivamente à Kodak e o nome da fábrica deixou de ser Kodak-Wessel.

Ao longo desse período, com o lucro dos negócios bem administrados, Conrado Wessel comprou imóveis nos bairros de Campos Elíseos, Barra Funda, Santa Cecília e Higienópolis, que, no futuro, se tornariam o patrimônio da Fundação Conrado Wessel. •